

## RESENHAS

NOWAK, LESZEK: *The Structure of Idealisation: Towards a Systematic Interpretation of the Marxian Idea of Science*. Dordrecht, Reidel, 1979, 277 pp.

Nowak pretende neste livro atingir dois objetivos principais: primeiro, mostrar que há uma metodologia marxista específica; segundo, fornecer uma teoria geral da ciência baseada nos princípios metodológicos marxistas. Procura alcançar o primeiro objetivo interpretando tanto a prática científica de Marx, como suas observações dispersas acerca do método científico (Primeira Parte), e comparando os resultados assim obtidos com as doutrinas de algumas outras escolas metodológicas modernas (Segunda Parte). A segunda tarefa leva-o à tentativa de reconstruir sistematicamente as idéias metodológicas marxistas lançando mão de métodos formais (Terceira Parte). Ao assim fazer, Nowak tenta aplicar o "estilo de filosofia" introduzido inicialmente pelos positivistas lógicos. Finalmente, Nowak justifica sua reconstrução da metodologia de Marx resolvendo alguns problemas internos do marxismo que se evidenciaram refratários a outras abordagens metodológicas.

Ao construir suas teorias econômicas, Marx usa, segundo Nowak, o seguinte método de investigação:

1. introduz suposições não realísticas acerca dos fatores das magnitudes econômicas ou fatos;
2. propõe leis básicas e fórmulas que vinculam estes fatores não realísticos;
3. substitui as suposições não realísticas iniciais por outras mais realísticas e corrige, conforme estas, as leis e fórmulas.

O procedimento de Marx na construção da lei do valor constitui-se em um exemplo de aplicação deste método heurístico. Tal lei pode ser colocada sob a seguinte forma:

$$\text{se } C(x) \text{ e } D(x) - S(x) = 0, \text{ então } P(x) = \varrho[V(x)],$$

onde  $C(x)$  significa que  $x$  é uma mercadoria,  $D$  representa a demanda de  $x$ ,  $S$  é sua oferta,  $P$  é o preço de  $x$  e  $V$  seu valor, ao passo que  $\varrho$  denota uma função linear. Obviamente, a fórmula  $P(x) = \varrho[V(x)]$  não é realística, bem como a condição  $D(x) - S(x) = 0$ , pois não há sistema econômico no qual a oferta e a demanda de uma mercadoria qualquer sejam iguais todo o tempo. A lei do valor de Marx é, portanto, uma lei abstrata, esquemática ou idealizada, e o procedimento que a ela conduz pode ser, por conseguinte, denominado idealização. Esta lei é ulteriormente corrigida através de algumas hipóteses adicionais mais realísticas a respeito das mercadorias. Marx leva em conta, por exemplo, algumas das condições reais de mercado e consoante estas elimina a igualdade entre oferta e demanda. Conseqüentemente, a fórmula para calcular o preço também é alterada. Deste modo a lei inicial idealizada é "concretizada", e o procedimento em seu todo pode ser denominado concretização.

A originalidade de Marx não consiste, segundo Nowak, em ter descoberto o método da idealização e concretização, pois o mesmo já fora empregado por Galileu em sua bem sucedida tentativa de derrubar a física aristotélica. A divergência entre Galileu e Aristóteles era de fato, em primeiro lugar, metodológica. Enquanto a física aristotélica baseava-se em métodos indutivos, Galileu favoreceu o método de construção de leis idealizadas independentes, e até mesmo contrárias, à experiência cotidiana. A originalidade de Marx resume-se em uma ruptura análoga na ciência dos fenômenos econômicos. Abandona o indutivismo de seus precursores na área e constrói uma teoria da idealização em Economia. Na Segunda Parte de seu livro, Nowak mostra que o procedimento de Marx difere também de diversos outros métodos bem conhecidos, tais como o método weberiano de tipos ideais, a receita neopositivista para a construção de teorias através de cálculos formais e regras de correspondência, a tática popperiana de conjeturas e refutações e o irracionalismo metodológico de Kuhn.

A suposição inicial e decisiva de Nowak em sua reconstrução sistemática do método marxista de idealização (seu segundo objetivo fundamental neste livro) reza que o método em questão é justificado pela distinção ontológica entre fatores primários e secundários dos fatos. Aqui, *fatos*

são encarados como pares de magnitudes e objetos. Esta distinção, sugere Nowak, pode ser baseada na noção ordinária de influência, que é caracterizada como uma relação anti-simétrica e transitiva. Tal relação é, então, usada para introduzir conjuntos de fatores equi-influentes ou equi-essenciais e para construir uma hierarquia de tais conjuntos. Nowak sustenta que Marx pode ser interpretado como implicando que o conjunto de influências ou a essência de qualquer magnitude consiste em, pelo menos, dois níveis de fatores. Esta tese é denominada a tese marxista do essencialismo. Obviamente, se aceitarmos tal tese, podemos desconsiderar os fatores concebidos como secundários e levarmos em conta apenas os fatores considerados primários. Isto justifica o passo de idealização no método marxista de construção de teorias. A concretização, por sua vez, é justificada pelo fato ontológico de que os fatores secundários também pertencem necessariamente à essência de qualquer magnitude.

A tentativa de Nowak de reconstruir em Marx o método galileano de construção de teorias (o qual, por sua vez, é o equivalente moderno do antigo e venerável método de análise e síntese) traz uma brisa de ar fresco na atmosfera um tanto irrespirável das discussões metodológicas sobre Marx. Introdz uma promissora linha de pesquisa que poderá, finalmente, tornar possível desvencilhar o marxismo da dialética hegeliana. Os argumentos provocantes e estimulantes de Nowak sofrem, no entanto, de vários defeitos, alguns dos quais passamos a expor.

Em primeiro lugar, a análise de Nowak dos textos de Marx é por demais esquemática e não pode ser considerada, de modo geral, conclusiva. Isto prejudica, em particular, a interpretação de Nowak da distinção marxista entre a aparência exterior e a essência das coisas através da noção de maior influência. Muitas dúvidas saltam à mente acerca dessa passagem simplista daquilo que parece ser uma distinção hegeliana a uma noção de senso comum caracterizada apenas por meios puramente formais. Aqui, como alhures, Nowak não se dá ao trabalho de tentar realmente convencer o leitor da correção de seus pontos de vista. Nenhuma justificativa séria é dada por não tentar, por exemplo, revelar as assunções hegelianas subjacentes às teorias marxistas ou reconstruí-las tendo por base uma nova versão da dialética.

Em segundo lugar, o ponto de vista de Nowak com respeito ao método de idealização apresenta algumas dificuldades sérias. Nowak assume a tese do essencialismo que não é justificada, como foi dito, por nenhuma análise acurada dos textos de Marx. Esta tese tampouco recebe alguma justificação paralela. Parece ser inteiramente *ad hoc*, servindo apenas para tornar aceitável uma asserção um tanto antiquada, a saber, que o método de idealização é o único método correto para aquisição de conhecimentos sobre a essência das coisas (p. 107). Mais ainda, Nowak não considera seriamente o caso no qual se atinge, ao final da investigação de alguns fatos, duas ou mais idealizações não equivalentes entre si. Seus "princípios de testabilidade empírica" contribuem em muito pouco para a solução do problema da escolha de idealizações alternativas.

Em terceiro lugar, seria desejável uma análise que apresentasse mais exemplos do método de idealização em outros autores além de Marx. As observações de Nowak sobre o método galileano são por demais superficiais. É de se estranhar que ele não tenha tentado identificar discussões e aplicações mais recentes do mesmo método na física. Um exame, por exemplo, da metodologia de Mach certamente valeria a pena. Deste modo poder-se-ia, sem dúvida, mostrar que Marx, contrariamente ao que Nowak parece subentender, não está isolado ao propor um método heurístico baseado em construções conceituais idealizadas para a construção de teorias.

Finalmente, algumas palavras sobre o estilo de filosofar de Nowak. Não é, propriamente, o estilo dos positivistas lógicos. A análise que estes faziam da ciência empírica baseava-se na lógica formal e objetivava estabelecer a decidibilidade empírica das proposições científicas. Nowak, por sua vez, procura descrever a estrutura e evolução de teorias estudando suas semânticas. Ao fazê-lo está usando noções primitivas da Teoria dos Conjuntos e não da Lógica. Pode-se questionar se este aparato formal específico demonstrará ser de muita utilidade na compreensão da ciência. É nossa impressão que a imagem formal de Nowak da estrutura essencial dos fatos e outros dispositivos similares contribui parcamente para os propósitos de compreensão da atividade científica tal como ela realmente se desenvolve. Aparentemente ela não oferece melhores perspectivas do que as construções similares da Teoria dos Conjuntos propostas por Sneed e seus seguidores.